

Cadernos do Cáucaso-Revista do Laboratório de Estudos dos Países do Cáucaso
Grupo de Pesquisa de Política Internacional -UFRJ
ISSN: 2674-5801 site: www.gppi-ufrj.com

O COMBATE DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA, ESPIONAGEM E DE CONTRAESPIONAGEM ALEMÃES E SOVIÉTICOS NA BATALHA DO CÁUCASO

Alexander Zhebit¹

Resumo

O artigo aborda a faceta oculta da Batalha do Cáucaso (1942-1943) - o combate dos serviços de inteligência, espionagem e de contraespionagem alemães e soviéticos durante os anos trágicos da Segunda Guerra Mundial, com a ênfase sobre estas atividades durante a ofensiva alemã contra o Sul da União Soviética, o Cáucaso do Norte e Stalingrado. O grande valor desta luta invisível, vencida pela União Soviética e os Aliados, consiste na sua contribuição significativa para a vitória sobre o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Inteligência, Espionagem, Contraespionagem, Alemanha, União Soviética, Batalha do Cáucaso.

Abstract

The article dwells upon a hidden facet of the Battle for Caucasus (1942-1943) - the fight between the German and Soviet services of intelligence, spy nets, counterintelligence during the tragic years of the World War II, with an emphasis on these activities during the German offensive against the South of the Soviet Union, the North of Caucasus and Stalingrad. A great value of this invisible fight, won by the Soviet Union and the Allies, lays in its significant contribution to the victory over nazi-fascism in World War II.

Keywords: Intelligence, Spy nets, Counterintelligence, Germany, Soviet Union, Battle for the Caucasus.

1. Professor Associado, Doutor em História, coordenador do Laboratório dos Países do Cáucaso (NEPP-DH/CFCH), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e-mail: alex@cfch.ufrj.br

1. Introdução

Após a extenuante Batalha de Moscou, em que a capital soviética foi defendida contra a invasão alemã, o alto comando militar da União Soviética empreendeu, durante o inverno de 1941-1942, várias contraofensivas em todas as direções do front oriental, sem resultados evidentes. As forças armadas soviéticas ainda não contavam com a superioridade numérica sobre as dos adversários e não foram abastecidas suficientemente com armamentos, munições e alimentos, devido à perda dos territórios ocupados pelos invasores e aos abalos que a indústria militar e a agricultura do país sofreram em 1941, embora o Lend-Lease já tenha iniciado, mas ainda não atingido fluxos de fornecimentos acordados. Os lados beligerantes no front oriental passaram à estratégia defensiva durante a primavera de 1942, criando-se uma relativa estabilização no decurso da guerra, em contraste com as sucessivas retiradas do Exército Vermelho em 1941, até que fossem derrotadas e rechaçadas de Moscou as forças invasoras, em dezembro de 1941. Tanto a derrota dos exércitos alemães nas redondezas de Moscou, quanto a estabilização estratégico-militar no front oriental na primeira metade de 1942, deram provas de que o plano alemão de blitzkrieg, previsto pela Operação Barbarossa da conquista da União Soviética, fracassou.

Apesar de dominarem uma força militar gigantesca e superior em efetivos e em armamentos à da União Soviética, a Alemanha e seus aliados, depois da derrota na Batalha de Moscou e devido à resistência soviética massiva na direção central da ofensiva, não dispunham mais de capacidades para avançar em todas as direções estratégicas, como aconteceu em 1941, quando a União Soviética tinha sido agredida simultaneamente, pelo Plano Barbarossa, em três direções – Norte, Centro e Sul. Portanto, na primavera de 1942, as forças armadas do

Eixo viram-se obrigadas de se reagrupar, se reabastecer e repor as tropas, que sofreram perdas humanas e materiais significativas.

Com relação ao Cáucaso, a Diretiva Nº 34 de 12 de agosto de 1941 da OKH (*Oberkommando der Wehrmacht*)², ainda em 1941, já havia previsto a ocupação da área industrial de Kharkov e o avanço sobre o Cáucaso, com a travessia do rio Don, pelas forças do 1º e do 2º grupos blindados mecanizados, sob o comando do 4º Exército de panzer. Num suplemento à Diretiva, a ala Sul do front oriental germânico teve como objetivo ocupar a península da Crimeia, que, por um lado, foi extremamente perigosa para campos de petróleo na Romênia, por ter uma base aérea soviética, e, por outro, em caso da ocupação alemã, serviria como ponte aérea e marítima para a penetração posterior no Cáucaso (GRECHKO, 2001, p. 22).

No mês de novembro de 1942, já no auge da Batalha do Cáucaso, a relação das forças armadas dos beligerantes em todos os fronts, inclusive o caucasiano, foi a seguinte. A União Soviética teve 6,6 milhões de tropas, 7350 tanques e blindados, 78 mil peças de artilharia, cerca de 4500 aviões e 167 navios de guerra. Os invasores – a Alemanha e os Aliados do Eixo - contavam com 266 divisões, 20 brigadas, das quais 178 divisões, oito brigadas e mais quatro frotas aéreas (Luftflotten) eram puramente alemãs. O número total das tropas do Eixo era de 6,2 milhões, dentre as quais cerca de 810 mil eram as dos Aliados do Eixo. Estes efetivos, equipados com mais de 5000 tanques e carros blindados, 52 mil peças de artilharia, e apoiados pelas forças aéreas (4980 aviões) e da marinha (194 navios de guerra) e concentrados no Front Oriental, entre o Mar de Barents, no Oceano Ártico, e o Mar Negro, vinham enfrentando os exércitos da

2. Alto comando alemão.

União Soviética. Em contraste com a sua força militar no front oriental, a Alemanha manteve, em todos os outros países e territórios ocupados da Europa Central e Ocidental, somente 20% de suas forças armadas (POKHLEBKIN, 1999, p. 425; OTECHESTVENNAIA, 2003, p. 337-338).

Manter esta força era um fardo enorme para as economias militares da Alemanha e dos aliados dela. Portanto, Hitler, depois do fracasso da blitzkrieg, começou a priorizar objetivos estratégicos de guerra no Sul da Rússia, que ofereciam vantagens econômico-industriais, como o potencial agrícola na Ucrânia, a base industrial da região de Donetsk e os campos de petróleo no Cáucaso, que se tornaram objetos da crítica de seus generais (GRECHKO, 2001, p. 24). Mas os objetivos de Hitler eram, de fato, estratégico-militares e não econômicos. No interrogatório de Alfred Rosenberg³, no Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, em 17 de abril de 1946, o réu confirmou a autoria do relatório especial sobre a “transformação do Cáucaso”, de 27 de julho de 1942, em que se afirmava que “O objetivo do Cáucaso é, sobretudo, um objetivo político e significa a expansão da Europa continental, dirigida pela Alemanha, das cordilheiras do Cáucaso em direção ao Oriente Médio” (NURNBERGSKII PROTSESS, 1954, p. 399, tradução nossa).

Andrey Grechko também cita extratos do plano operacional para a terceira fase da ofensiva nazista no Cáucaso, que previa a captura das regiões petrolíferas caucasianas, entre novembro de 1941 e setembro de 1942, e o estabelecimento de domínio sobre passagens da fronteira iraniano-iraquiana para prosseguir o avanço sobre a cidade de Bagdá (GRECHKO,

3. Criminoso nazista, mentor de teorias raciais, ministro do Reich alemão nos territórios ocupados no Leste europeu durante a Segunda Guerra Mundial, autor da “solução final” para judeus no Holocausto. Condenado à morte pelo Tribunal militar internacional de Nuremberg e enforcado em 1946.

2001, p. 25).

Consequentemente, levando em consideração as lições da blitzkrieg de 1941 fracassado, a Alemanha mudou a sua estratégia de conquista em 1942. Naquele ano os exércitos da Alemanha e de seus aliados reorientaram-se para avançar em direção ao Sul da União Soviética e, especificamente, para a região do Cáucaso e do Mar Cáspio, conforme a Diretiva Nº 41 de 05 de abril de 1942, que visava a aniquilação das forças soviéticas no Sul, a dominação do Cáucaso, o avanço até o Volga e a ocupação de Stalingrado e de Astracã. O objetivo da ofensiva, conforme a Diretiva, consistiu na criação de condições para a destruição decisiva do Exército Vermelho e para a separação dele das suas fontes de suprimento energético e alimentar, destruindo a sua base industrial, tão importante para os soviéticos. Além disso, a ocupação do Cáucaso privaria a marinha soviética das bases no Mar Negro e criaria condições para o envolvimento da Turquia na guerra contra a União Soviética (GRECHKO, 2001, p. 26-27, 40-41). Segundo os objetivos da Diretiva, a Alemanha e os países do Eixo, ao derrotar as forças armadas soviéticas, passariam a dominar as reservas caucasianas de petróleo e de fornecimento de combustíveis, bem como a isolá-lo do Irã, através do território do qual chegavam os suprimentos dos Aliados pelo Lend-Lease, que passavam pelo Cáucaso e pelo Mar Cáspio (Ibid., p. 26-27). Depois disso, os exércitos invasores, conforme a Diretiva e o raciocínio de Hitler, avançariam em outras direções e atacariam novamente Moscou e Leningrado, que supostamente seriam defendidas com exércitos minguados, sem suprimentos energéticos e alimentares, com uma fome generalizada no país.

O mais surpreendente e significativo no destino desta Diretiva foi o seguinte: ela veio, mediante os serviços soviéticos de inteligência, política e militar, ao conhecimento do Comitê de

Defesa de Estado, órgão máximo da União Soviética durante a guerra, quase simultaneamente com o seu despacho para aos Estados-Maiores das forças armadas alemãs.

Este fato exige um aprofundamento do conhecimento sobre o funcionamento da inteligência, da espionagem e da contraespionagem alemães e soviéticas, no âmbito da Segunda Guerra Mundial, com o foco na Batalha do Cáucaso, e sobre a importância das batalhas invisíveis entre estes serviços no decurso da Guerra. Porque o balanço das vitórias e das derrotas nos campos de batalhas foi em grande medida determinado pelas lutas entre os serviços de inteligência da Alemanha, da URSS e dos aliados, de ambos os lados.

2. Fracassos e correções no funcionamento dos serviços de inteligência soviéticos na etapa inicial da Guerra

Em 22 de junho de 1941, às quatro horas da madrugada de domingo, o território soviético foi invadido traiçoeiramente⁴ pelos exércitos alemães, com bombardeios aéreos, tanques, blindados, tropas, numa extensão de um mil quilômetros do Mar Branco ao Mar Negro. As forças armadas soviéticas sofreram a derrota catastrófica que não teve precedentes na história mundial. Durante as três primeiras semanas dos combates, as forças alemãs penetraram dentro do território soviético na faixa de 300-350 quilômetros. Das 100 divisões soviéticas, 28 foram aniquiladas, 70 perderam 50% dos efetivos e mais de 50% dos armamentos (POKHLEBKIN, 1999, p. 304). As perdas das tropas totalizaram cerca de 650 mil em junho-julho, 700 mil em agosto, 500 mil em setembro de 1941. Durante somente o ano de 1941, a União Soviética perdeu, dentre mortos, feridos e prisioneiros, 4,5 milhões de soldados e oficiais, ou seja, 1/3

4. Termo usado na historiografia soviética da Grande Guerra Patriótica (1941-1945), por a declaração de guerra pela Alemanha à União Soviética ter sido apresentada poucas horas antes da agressão.

do total das perdas dos seus combatentes durante toda a guerra (ПОПОВ, 2005, p. 108). Sua resistência foi heroica, mas insuficiente para se opor a um rolo compressor do adversário, que agiu de surpresa, com armamentos e forças numericamente superiores, incluindo não apenas alemães, mas também seus aliados finlandeses, romenos, italianos, húngaros.

Ainda em 30 de abril de 1941 Adolf Hitler anunciou, em uma reunião secreta do alto comando militar, a decisão de invadir a União Soviética e indicou a data – o dia 22 de junho de 1941. O agente soviético *Starchiná*⁵ informou o serviço soviético de inteligência sobre a decisão definitiva da Alemanha de começar a agressão e sobre a coordenação de planos militares da agressão da Alemanha com a Finlândia, a Romênia, a Hungria e a Bulgária. Nos dias 9, 11 e 16 de junho o *Starchiná* e o Corsicano⁶, agentes soviéticos na Alemanha, avisavam sobre a finalização dos preparativos militares para a invasão e sobre a proximidade da data da guerra (MINISTERSTVO OBORONY, 2013, v. 6, cap. 2, p. 79). Comunicações sobre a agressão alemã, com datas exatas, foram enviadas por Ramsai⁷ (Ibid., p. 115), espião soviético no Japão. A inteligência do Exército Vermelho recebeu inúmeras informações sobre o dia do ataque, provenientes de desertores alemães, habitantes das regiões fronteiriças, além dos dados do reconhecimento aéreo nestas regiões, que confirmavam a concentração das forças armadas alemãs.

Por que a União Soviética não esperou o ataque? Por que os serviços de inteligência militar não cumpriram a sua finalidade? O país viveu uma avalanche de informações sobre um início eventual da guerra. A população das áreas fronteiriças soviéticas falava de uma guerra

5. Codinome de Harro Schulze-Boysen, tenente de serviço de inteligência da Luftwaffe alemão.

6. Codinome de Arvid Harnack, servidor do ministério de finanças da Alemanha.

7. Codinome de Richard Sorge, jornalista alemão e residente do serviço de inteligência soviético em Tóquio.

iminente, sob acusações de alarmismo e de difusão de boatos falsos. O que desorientava o governo e os militares? Entre as principais razões devem ser mencionadas as seguintes:

- A existência do pacto de não agressão soviético-alemão, conhecido como o Pacto Molotov – Ribentropp, alimentava uma expectativa entre os dirigentes soviéticos de que ele não seria violado unilateralmente pela Alemanha, tão logo depois de sua conclusão. Pela visão materialista, nutrida pelo governo soviético, a Alemanha tampouco desencadearia uma guerra contra a União Soviética, porque estava dependendo das commodities, como petróleo, madeira, algodão, trigo, fosfatos, que recebia em troca de seu maquinário industrial, conforme o acordo bilateral de comércio e de créditos, assinado uns dias antes do pacto Molotov-Ribentropp. No entanto, Stalin não nutria ilusões de que a guerra seria improvável, na medida em que a conjuntura político-diplomática na Europa em 1937-1938 estava sinalizando as intenções e os atos da Grã-Bretanha, da França e da Itália, sobretudo, na conferência de Munique de 1938, de canalizar a agressividade crescente da Alemanha em direção ao Leste europeu e à União Soviética.
- O governo soviético via a ameaça do outro lado, temendo que haveria um envolvimento da França e da Grã-Bretanha na guerra soviético-finlandesa do lado da Finlândia, e que havia planejamento, segundo as informações da inteligência, de bombardeios dos campos da produção de petróleo, das indústrias de refinação no Cáucaso Soviético e afundamentos dos petroleiros soviéticos no Mar Negro, pelas forças aéreas e submarinos franceses e britânicos, estacionados na Síria, no Iraque e no Mediterrâneo. Tais hostilidades poderiam, segundo os serviços de inteligência, provocar a Turquia a abandonar a neutralidade, passar para o lado britânico e intervir no Cáucaso contra a URSS (MINISTERSTVO OBORONY, 2013, v. 6, cap. 2, p. 75).

- Muitas informações da inteligência soviética confirmavam o início da guerra em abril-maio de 1941, o que não aconteceu por causa do desvio da agressão alemã para o Sul da Europa - a Iugoslávia e a Grécia. Conforme o plano Barbarossa, os alemães realmente planejavam agredir a União Soviética na primavera de 1941. Portanto, apesar de os dados da inteligência serem fidedignos, mas, como nada aconteceu em abril e em maio de 1941, as informações e as fontes de informação, que indicavam para a transferência da data da agressão, da primavera para o dia 22 do mês de junho de 1941, indicada com a extraordinária precisão pelos agentes soviéticos, foram desacreditadas (Ibid., p. 79, 81-82). O raciocínio dos dirigentes dos serviços de inteligência partia da improbabilidade de uma blitzkrieg alemã contra a União Soviética, que, segundo os planos da Alemanha, acabaria em três-quatro meses, e baseava-se na ausência de dados, que comprovariam a preparação das forças armadas alemãs para uma guerra de inverno.
- A contraespionagem alemã conseguiu infiltrar o seu agente Liceísta⁸, através do qual transmitia a desinformação sobre planos estratégicos alemães diretamente para a “residentura”⁹ soviética em Berlim, avaliada como implausível, por reproduzir informações abertas ao público, mas também levada em consideração (Ibid., p. 59). Por outro lado, a informação vinda dos serviços de inteligência na Grã-Bretanha, baseada na leitura distorcida das intenções de Hitler, mas considerada fidedigna pelos soviéticos, alegava que a concentração de forças alemãs na fronteira com a União Soviética tinha como objetivo obrigar Stalin a aceitar condições de um novo acordo político-comercial, mais favorável à Alemanha (Ibid., p. 84).
- Os serviços da inteligência da União Soviética foram enfraquecidos pelas repressões

8. Codinome do agente duplo, recrutado pela residência de serviços de inteligência externa em Berlim.

9. Instituição de serviços da inteligência soviética no exterior.

políticas stalinistas em 1937-1938, tendo sido expurgados e eliminados muitos, entre eles, alguns dos melhores agentes de serviços de inteligência (SUDOPLATOV, 2005, p. 172-176; MINISTERSTVO OBORONY, 2013, v. 6, p. 56-57).

- Historiadores militares colocam a culpa pela derrota do Exército Vermelho nos primeiros meses da Guerra sobre Stalin, que desconsiderou mais de 100 relatórios e informações de inteligência externa e inúmeras comunicações da inteligência militar (CHRISTOPHER, 1999, p. 122), sob o pretexto de não “provocar” Hitler, porque, segundo ele, uma guerra não deveria ter começado tão logo. A desconsideração da informação da inteligência deixou as forças armadas soviéticas despreparadas e enfraquecidas perante a invasão alemã (VOLKOGONOV, 2004, p.408, p. 423-455).

Os serviços de inteligência soviéticos ficaram desarticulados em 1941, tanto no exterior, quanto nos territórios ocupados do país, no que tangia à inteligência externa e aos serviços de reconhecimento de campo das forças armadas, em retirada sob o fogo dominante dos alemães.

Os malogros sofridos pela União Soviética nos dias e nos meses iniciais da Guerra condicionaram correções urgentes no trabalho de inteligência. O Comitê Estatal de Defesa definiu no fim do mês de junho de 1941 objetivos da inteligência soviética: a) desvendar os planos político-militares da Alemanha fascista e dos seus aliados; b) formar e enviar para a retaguarda do adversário grupos operacionais especiais de reconhecimento, subversão e sabotagem; c) prestar assistência aos órgãos partidários nos territórios ocupados na organização do movimentos de guerrilha; d) desvendar os planos e intenções dos Aliados da URSS – a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, no tocante à condução da Guerra, às relações com a União Soviética e à ordem pós-guerra; e) acionar a inteligência nos países neutros – o Irã, a Turquia,

a Suécia e outros, a fim de não deixá-los se aliarem com os países do Eixo, paralisar neles atividades subversivas da inteligência hitlerista e organizar nestes países o funcionamento da inteligência contra a Alemanha e seu aliados; f) exercer a inteligência técnico-científica nos países desenvolvidos em prol do fortalecimento do potencial militar e econômico soviético (MINISTERSTVO OBOBONY, 2013, v. 6, p. 191)

No primeiro ano da guerra a Abwehr,¹⁰ junto com a chancelaria de segurança do Reich (contraespionagem alemã) e o Gestapo desarticularam as atividades de uma rede de espionagem soviética, ao ter planejado e executado a operação “Rote Kapelle” (Capela Vermelha), nome atribuído aos três grupos antifascistas de inteligência, que transmitiam pela rádio informações à União Soviética, a partir dos territórios da Alemanha, França, Bélgica e Suíça. Os codinomes dos agentes, decifrados pelos alemães no combate às transmissões ilegais de rádio, nos territórios ocupados pela Alemanha, foram Pianista, Maestro, Violinista, Regente etc. Denominada “Capela Vermelha”, a operação de contraespionagem, controlada por Hitler, resultou na prisão de 117 agentes, dos quais 48 na Alemanha, 35 na França, 71 na Bélgica e 17 na Suíça. 48 deles foram executados e até guilhotinados (na França), enquanto outros foram mantidos nos campos de concentração e utilizados para jogos de rádio de contraespionagem (CHRISTOPHER, 1999, p. 134).

Os serviços soviéticos de inteligência vinham se recuperando gradualmente desde 1942. Disto testemunha um fato extraordinário. O agente soviético Starchiná (codinome, significando uma patente, equiparada a “sargento”) transmitiu em abril de 1942 uma informação preciosíssima. Ele comunicou que a Wehrmacht estava se preparando para uma “grande

10. Serviço de informação e de inteligência do exército alemão.

ofensiva” em direção ao Sul e ao Cáucaso e não ao centro, em direção a Moscou, como em 1941. A razão principal da mudança dos planos foi uma acérrima escassez de gasolina e de óleo diesel para blindados, tanques e outros meios de locomoção mecânica. Portanto, os alemães contavam com a conquista das regiões petrolíferas do Cáucaso. Isto foi transmitido junto com outras informações de enorme valor estratégico. O Starshiná foi um militar alemão, que serviu como chefe da chancelaria do estado-maior da aviação na Alemanha, que agiu junto com o Corsicano, conselheiro do ministério de finanças da Alemanha. Foram eles que adquiriram e transmitiram a informação sobre a “grande ofensiva” de 1942 em direção ao Sul soviético e ao Cáucaso, ainda antes que ela chegasse aos estados-maiores do Wehrmacht. Os dois foram presos, torturados e morreram nos cárceres do Gestapo. Foram condecorados post mortem pelas Estrelas de Herói da União Soviética. (MINISTERSTVO OBORONY, 2013, v. 6, 2013, v. 6, p. 194)

Porém, apesar de ser recebida e confirmada por várias fontes, a informação sobre a “grande ofensiva” foi ainda tratada pelo alto comando soviético com descrença e ceticismo, o que atrasou preparativos para a resistência e para contraofensivas no Cáucaso e em Stalingrado. Para verificar a informação, o Centro¹¹ procurou estabelecer um contato adicional com o Starchiná, assim comprometendo sua identidade perante o Gestapo, que conseguiu decodificar a comunicação (MINISTERSTVO OBORONY, 2013, v. 6, p. 193)

As medidas de recomposição e de correção do funcionamento de serviços de inteligência soviéticos foram determinantes para o planejamento estratégico militar e para a avaliação do potencial técnico-material dos adversários e, sobretudo, dos planos estratégico-militares

11. Nome geral para a direção de inteligência externa.

dos países do Eixo no decorrer da Segunda Guerra Mundial, com relação, especificamente, à Batalha do Cáucaso.

3. Espionagem e contraespionagem alemães no Cáucaso

O Cáucaso teve tratamento privilegiado pelos alemães. A propaganda nazista apresentava os povos do Cáucaso do Norte como arianos e o Cáucaso como uma protopátria dos arianos, que deviam ser libertados do “jugo judeo-comunista” e aceitar a autoridade de Hitler, proclamado o *imam*¹² de todo o Cáucaso (MEDINSKIY, 2014, p. 326).

Em meados de 1942, desde 25 de julho de 1942, as forças nazistas começaram a executar o plano Edelweiss, que previa a invasão e a ocupação, primeiro, da Ciscaucásia (Norte do Cáucaso), e depois da Transcaucásia, contornando as cordilheiras caucasianas pelo Leste e pelo Oeste e, e finalmente, atravessando-as pelo Sul, através dos desfiladeiros.

O principal serviço de espionagem e contraespionagem durante a guerra foi a Abwehr, que se reportava-se diretamente ao OKW, alto comando das forças armadas alemãs. O objetivo principal do serviço de inteligência alemã na direção do Cáucaso foi a coleta de informações sobre a abertura de acessos para os exércitos nazistas aos maiores campos petrolíferos produtivos caucasianos da União Soviética, em Maikop, capital da república autônoma de Adygueia, Grozny, capital da república autônoma da Chechênia – Inguchétia, e em Baku. capital da República Socialista Soviética do Azerbaijão.

Os instrumentos da realização destes objetivos visavam: a) instigar os povos caucasianos

12. Alto clérigo islâmico

contra o regime soviético; b) realizar ações de subversão e de sabotagem contra as forças armadas soviéticas; e c) instalar o clima de terror nos territórios não ocupados, instigando a população contra funcionários do governo, forças do interior etc. (NIKOLSKI, 2018, p. 6).

O serviço de inteligência militar da Abwehr, no campo de batalhas, foi executado em conjunto com o OKW, no que tangia ao planejamento de operações militares, criptografia, codificação, decodificação de mensagens e de transmissões, interrogatório dos prisioneiros, recrutamento de colaboracionistas, sabotadores, preparação de paraquedistas e espões.

Ao avaliar o potencial do movimento rebelde no Cáucaso do Norte, diferenciando entre as repúblicas soviéticas e autônomas, os serviços alemães concentraram-se na identificação e na unificação de todas as quadrilhas antigovernamentais, no âmbito da operação Chamil,, em alusão ao líder rebelde que lutou contra as forças czaristas durante a Guerra do Cáucaso no século XIX. O objetivo destas atividades era a instalação do movimento rebelde na retaguarda das forças armadas soviéticas no Cáucaso. As principais causas exploradas pela Abwehr foram: a) o irredentismo histórico (a Guerra do Cáucaso – de 1817 a 1864) dos povos e das etnias que povoavam o Cáucaso do Norte, e b) as repressões durante o período soviético no entreguerras que se repercutiram sobre as autonomias do Cáucaso do Norte (Ibidem).

Grupos armados caucasianos foram constituídos por prisioneiros de guerra, desertores do exército, bem como por opositores ao regime soviético, entre eles cossacos do Têrek, representantes de outras etnias. Somente no Cáucaso, os serviços de inteligência e as forças armadas alemãs formaram os seguintes destacamentos: a legião caucasiano-maometano; seis batalhões azerbaijanos; a legião armênia, de oito batalhões; a legião georgiana, de quatro

batalhões. Somente os destacamentos, constituídos pelos habitantes do Cáucaso e do Turquestão, contavam no total das forças armadas alemãs, umas 150 mil tropas (ПОПОВ apud TCHUEV; NIKOLSKI, 2018, p. 68-69).

No âmbito do Grupo de Exércitos A foram constituídos sete comandos e quinze grupos da Abwehr, com o objetivo de coletar informações sobre planos do comando soviético e realizar operações de subversão e de sabotagem. Durante a ofensiva do Grupo de Exércitos A, em 1942, o 804º regimento de operações especiais “Brandenburg-800” realizou uma operação bem-sucedida de subversão nas redondezas da cidade de Maikop, onde se situava o terceiro maior campo petrolífero produtivo no Cáucaso do Norte. Foi frustrada a explosão integral das capacidades de produção e de refino do petróleo, preparada pelas forças soviéticas em retirada, com a posterior provocação de caos e de pânico na retaguarda soviética. Vestindo uniformes de militares soviéticos, falando russo, porque foram recrutados entre os desertores do Exército Vermelho e os emigrantes que haviam deixado a Rússia soviética durante a Guerra Civil, os grupos operacionais da Abwehr infiltraram-se nas instalações de produção e de refino e conseguiram cancelar as ordens da destruição das capacidades, dadas pelo comando soviético, diante da iminência da ocupação alemã (NIKOLSKI, 2018, p.7).

Para conter as atividades de espionagem e de subversão no front transcaucasiano soviético, foi organizado um estado-maior de comando das operações de contraespionagem e de combate a paraquedistas nos principais desfiladeiros da cordilheira caucasiana, que controlava as operações de 24 grupos operacionais de contraespionagem, de resistência à subversão e à sabotagem. Em agosto-setembro de 1942, os órgãos do NKVD¹³ capturaram e executaram,

13. Comissariado do Povo para Assuntos Internos (1934-1946), na União Soviética



somente na Geórgia, cinquenta paraquedistas, muitos fuzilados em público (Ibid., p. 13).

Em julho-agosto de 1943 na Chechênia-Inguchétia foram capturados oito grupos de paraquedistas de espionagem e de sabotagem, no total de 77 pessoas. Pelo seu pertencimento étnico-nacional, foram 15 alemães, três cabardas, 13 chechenos, dois georgianos, vinte e um ossêtijs, um russo, 16 inguches, um casaque, cinco daguestanos, a maioria sendo descendentes caucasianos. Todos os paraquedistas vestiam uniformes alemães, tinham documentos de identidade em alemão, com a indicação do objetivo da missão. Isto devia, segundo a Abwehr, induzir uma confiança junto a rebeldes caucasianos (Ibid., p. 15).

Quem foram paraquedistas no Cáucaso? Na sua grande maioria, eram prisioneiros de guerra nos campos de concentração e de trânsito, onde foram escolhidos e recrutados, segundo o princípio de nacionalidade, de etnia, de locais de domicílio e de trabalho, anteriores à Guerra.

As atividades da Abwehr nos campos de concentração de prisioneiros de guerra soviéticos eram intensas. Foram feitas triagens de todos os prisioneiros que podiam ser úteis: engenheiros, técnicos, arquitetos, cientistas, funcionários de empresas militares. Foram selecionados e interrogados para coletar dados de inteligência sobre o potencial defensivo e ofensivo da URSS (Ibid., p. 58-66). Entre muitos, foram selecionados trabalhadores de estaleiros no Mar Negro, que os alemães forçaram a trabalhar nos mesmos estaleiros, recriando bases de reparação e de abastecimento para a marinha alemã, nos portos ocupados do Mar Negro e da península da Crimeia (Ibid., p. 60). Foram coletadas informações industriais, econômicas, militares, de pesquisa, de recursos naturais, que foram objetos de interrogatórios a fim de separar entre prisioneiros úteis e descartáveis.

4. Inteligência e espionagem soviéticas contribuindo para a vitória nas Batalhas de Stalingrado e do Cáucaso

Desde o início da guerra as atividades de inteligência, contraespionagem foram reestruturadas e desenvolvidas sob o comando do Comissariado da Defesa Soviético, que teve na sua estrutura a Diretoria Principal de Inteligência (GRU)¹⁴, que foi dividida em duas subdiretorias: a) inteligência militar; b) inteligência política no exterior.

A primeira trabalhou com interrogatórios de prisioneiros de guerra, desertores, reconhecedores, com a população no território ocupado, analisava documentos apreendidos, a numeração das formações inimigas diante do front, o provimento das formações com armamentos, munições, reservas dos efetivos, novos tipos de armas. A segunda investigava os planos operacionais do adversário para períodos imediatos e prospectivos, as regiões de complementação das formações militares, a participação de Forças Armadas do Eixo, o estabelecimento de rotas e fluxos do trânsito de exércitos aos locais de aquartelamento. As duas subdiretorias foram supervisionadas pelo NKVD, que complementava e controlava as atividades de inteligência, sobretudo da primeira subdiretoria, a da inteligência militar (MINISTERSTVO OBORONY, 2013, p. 194).

Com a ausência das formas legais de representação soviética nos países do Eixo, exceto a Bulgária, o peso das atividades de espionagem foi transferido para as formas ilegais: a) infiltração de agentes entre a mão-de-obra forçada dos territórios ocupados da URSS que


14. GRU, abreviação de Glavnoie razvedyvatelnoie upravlenie.

estava sendo transferida para a Alemanha e outros países europeus, ocupados pela Alemanha; b) recrutamento como agentes de funcionários locais, designados pelas autoridades alemãs para a administração dos territórios ocupados; c) preparação e o lançamento de grupos paraquedistas para as ações de resistência e sabotagem na retaguarda alemã; d) atividades de apoio material aos movimentos de guerrilha que agiam desde o início da guerra nos territórios ocupados (MINISTERSTVO OBORONY, 2013, v. 4, p. 194).

Entre os países aliados de Berlim um lugar especial foi ocupado pela Bulgária, onde houve a Embaixada Soviética e a *residentura* da inteligência externa, que teve agentes muitos importantes, entre os quais o *Nastávník*¹⁵, que teve contatos na corte do Rei Boris da Bulgária. Segundo as informações fidedignas, fornecidas por ele, soube-se que a Bulgária, mesmo sendo um país aliado da Alemanha, não entraria em guerra contra a União Soviética (Ibidem).

Os serviços de inteligência britânico (SIS – Secret Intelligence Service) e americano (OSS- Office of Strategic Services dos Estados Unidos), com os quais a União Soviética estabeleceu acordos de cooperação, conseguiram decifrar os códigos alemães e obtiveram acesso à correspondência secreta do comando militar supremo alemão sobre as operações no front oriental. Porém, eles compartilhavam as informações entre si e não com os soviéticos. Mas a inteligência soviética chegou a estas informações através dos Cinco de Cambridge, nome dado ao grupo dos ingleses Kim Filby, John Cairncross, Guy Burgess, Anthony Blunt e Donald Maclean, que foram os agentes soviéticos nos serviços secretos britânicos (MINISTERSTVO OBORONY, 2013, v. 2, p. 41-44; vol. 4, p. 196).


15. Codinome do agente soviético na Bulgária, significa “mestre”, “professor”.



A residentura da inteligência em Londres comunicou em setembro de 1941 sobre as pesquisas de fabricação de armas atômicas. Isto impulsionou as pesquisas semelhantes na URSS (Ibid., p. 197).

Durante a guerra funcionavam duas residenturas legais de inteligência soviética – uma em Istambul, outra em Ancara, bem como uma agência em Kars. O principal objetivo destas foi o recebimento das informações sobre as relações da Turquia com a Alemanha e seus satélites das instituições do governo turco, da embaixada alemã, da comunidade húngara, da “estação”(station) da inteligência dos Estados Unidos e Istambul.

De uma vital importância para os soviéticos foi o Lend-Lease que passava pelo território iraniano. O país teve uma rede extensa de espionagem alemã, que se criou nos anos 30, com base em uma comunidade de 6 mil e 500 especialistas técnicos alemães contratados pelo Irã para trabalhar na indústria, ferrovias, no exército, nos serviços especiais e na polícia. Antes da guerra este número duplicou. Em 1941 a inteligência alemã preparou um golpe de estado, para colocar no poder os germanófilos, que foi fracassado pela intervenção conjunta soviético-britânica em agosto de 1941 durante a Operação Countenance. Em meados de 1941, antes da operação, foi adquirida uma informação confiável de que a Turquia não se envolveria num conflito do Irã com a União Soviética e a Grã-Bretanha e não assumiria nenhum compromisso com o Irã em caso de sua ocupação pelos dois países (Ibid., p. 199). Em 1942 Moscou ficou informada que a Turquia entraria em guerra contra a União Soviética caso acontecesse a ocupação do Cáucaso pelos alemães (Ibidem). Em 1943 os agentes alemães prepararam um atentado às vidas dos líderes da Aliança – Stalin, Churchill e Roosevelt - durante a Conferência dos Aliados em Teerã. Esta tentativa foi frustrada pelos serviços do GRU e do NKVD (Ibidem)



O serviço de inteligência militar avisou sobre preparativos dos alemães de usar gases venenosos contra a União Soviética, quando as forças alemãs se depararam com uma situação estrategicamente desesperadora em 1942 em Stalingrado. Eles recorreram a experiências de uso de gases com prisioneiros soviéticos (MINISTERSTVO OBOBONY, 2013, v. 6, cap. 5, p. 246-250). Começou o fornecimento de gases asfixiantes e venenosos, de meios de pulverização aérea, máscaras de gás para tropas, tudo isto foi detectado pelos serviços de inteligência militar, através de interrogatórios e de captura do material de proteção individual (Ibidem; STALINGRADSKAIA, 2015, p. 36, 39-43, 50). Moscou informou os Aliados. Com base em acordo recíproco, Churchill e Roosevelt em 1942 fizeram pronunciamentos públicos de que em caso de uso de armas químicas nos fronts e sobretudo no front soviético-alemão, serão desferidas contra a Alemanha e seu território grandes quantidades de armas químicas (PEREPISKA, 1986, p. 44-45). Hitler, ele próprio vítima de gases venenosos durante a Primeira Guerra Mundial, não ousou autorizar o uso de armas químicas de combate até o fim da guerra.

Os serviços militares da inteligência coletavam informações sobre a disposição de estados-maiores dos exércitos das forças invasoras, aeródromos, depósitos de combustível para orientar a aviação para bombardeios, procurando causar o maior dano possível ao inimigo, analisando os dados colhidos nos interrogatórios dos prisioneiros de guerra, desertores, referentes aos armamentos novos, estado material e moral das tropas. (Vd. STALINGRADSKAIA, 2015). Na retaguarda alemã funcionavam grupos especiais e destacamentos móveis de sabotagem e de resistência, que explodiam pontes e comboios ferroviários, exterminavam as forças militares e armamentos.

5. Conclusão

As perdas totais das tropas fascistas no Dom, no Volga, em Stalingrado e no Cáucaso totalizaram 1,5 milhão de efetivos, 3500 tanques e peças de artilharia de ataque, 12 mil peças de artilharia de defesa e lançadores de minas, cerca de 3 mil aviões etc. Tais perdas de forças e de recursos tiveram uma repercussão catastrófica sobre a situação estratégica da Alemanha e abalaram a sua máquina militar e sua indústria.

O fracasso dos planos estratégicos nazifascistas de 1942 foi um corolário tanto da subestima das forças e das capacidades do Estado Soviético, do potencial patriótico-espiritual dos povos da União Soviética, quanto da superestimação pela Alemanha de suas forças e de suas capacidades ofensivas. As causas da derrota das forças alemães consistiam na organização estratégica correta de escolha de principais ataques, no descobrimento de pontos fracos da defesa, num rápido rompimento desta defesa e na finalização das operação com cerco do agrupamentos principais das forças inimigas, executados pelo comando soviético, tanto na batalha de Moscou, como nas de Stalingrado e do Cáucaso e em diante. O papel da inteligência, da coleta de informações, da espionagem, da contra espionagem, da subversão e da sabotagem, organizadas na retaguarda e no exterior, era valorosíssimo, por ter poupado esforços e vidas.

As perdas humanas e materiais gigantescas da URSS, durante um ano e três meses de batalhas inimagináveis, de julho de 1942 e novembro de 1943, resultaram em vitórias estratégicas em Stalingrado, em Kursk e no Cáucaso, e mudaram o rumo da Segunda Guerra Mundial. Nestas três principais batalhas contra os exércitos nazistas e os dos seus aliados (Romênia, Hungria, Itália), as forças armadas soviéticas demonstraram a estratégia vitoriosa

que faltava a elas durante primeiros 16 meses, desde 22 de junho de 1941, quando o país foi invadido pela Alemanha e seus aliados, e recuou até o rio Volga, Moscou, Stalingrado, Cáucaso do Norte, deixando na posse do inimigo um potencial terrestre, humano, industrial e energético sem igual.

A inteligência não começa, nem vence guerras, mas ela contribui tanto para seu início, quanto para o seu fim. No caso da Batalha do Cáucaso, a inteligência soviética estava mais bem preparada para aproximar a vitória sobre as forças do inimigo. A Batalha do Cáucaso foi vencida pela União Soviética e a inteligência desempenhou nisso um papel inestimável.

Bibliografia

CHRISTOFER, Andrew & MITROKHIN, Vasili. The Mitrokhin Archive. The KGB in Europe and the West. N.Y., London: Allen Lane The Penguin Press, 1999.

GRECHKO, Andrei. Battle for the Caucasus. Honolulu, Hawaii: University Press of the Pacific, 2001, reprint from the 1971 edition

MINISTERSTVO Oborony Rossiiskoi Federatsii. Velikaia Otechestvennaia Voina 1941-1945 godov. V 12 tomakh. T. 6. Tainaia voina. Razvedka i kontrrazvedka v gody Velikoi Otechestvennoi Voiny. Moskva: Kutchkovo pole, 2013.

NIKOLSKI, B.V. Skhvatka za Kavkaz i Krym. Borba razvedok 1942-1943. Moskva: Vetchi, 2018

NURNBERGSKII PROTSESS. Sbornik materialov. Tom II. Moskva: Gosudarstvennoie Izdatelstvo Iuruditcheskoi Literatury, 1954.

OTECHESTVENNAIA voiennaia istoria. V triokh tomakh. Tom 2-3. Moskva: Izdatelskii dom “Zvonnitsa – MG”, 2003

PEREPISKA Predsedatelia Soveta ministrov SSSR s presidentami SChA i premier-ministrami Velikobritanii v gody Velikoi Otechestvennoi Voiny. 1941-1945 gg. V 2-kh tomakh. Moskva: 1986, T. 1.

POKHLEBKIN, V.V. Vneshniaya politika Rusi, Rossii e SSSR za 1000 liet v imienakh, datakh i faktakh: Vyp. II – Voiny i mirnyie dogovory. Kniga 3-ya: Evropa v piervoi polovine XX v. Moskva: Mezhdunarodnyie Otnosheniya, 1999.

POPOV, Gabriil. 1941-1945. Zametki o voine. Moskva: OOO “Agenstvo “KRPA Olimp”, 2005.

RUNOV, V.A. Sovsem drugoi Stalingrad. Moskva: Vêtche, 2017.

STALINGRADSKAIA epopeia. Dokumenty, rassekretchennyye FSB RF. Moskva: Zvonmitsa-MG, 2017

SUDOPLATOV, P.A. Raznyie dni tainoi voiny i diplomatii. 1941 god. Moskva: OLMA-PRESS, 2005

TCHUEV, Sergei. Prokliátyye soldaty. Disponível em: <https://www.litmir.me/br/?b=72735&p=1>
Acesso em 01 de outubro de 2019

VOLKOGONOV, Dmitri Antonovich. Stalin: triunfo e tragédia. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004